

Tupi or not tupi tangendo um alaúde

Beatriz Azevedo

New York University
Universidade Estadual de Campinas
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado
de SP
• beatriz@nyu.edu

DOI [https://doi.org/10.34913/
journals/lingualugar.2022.e972](https://doi.org/10.34913/journals/lingualugar.2022.e972)

Neste ensaio veremos como os autores Mário de Andrade e Oswald de Andrade elaboram seus pontos de vista e afirmam suas perspectivas, enquanto transcriutores de cosmogonias ameríndias, na pauta do perspectivismo e do multinaturalismo. Ambos publicaram, coincidentemente no mesmo ano de 1928, 6 anos após a semana de arte moderna de 22, obras centrais da literatura do século XX: *Macunaíma* e o “Manifesto Antropófago”. Articulamos os textos “Carta pras Icamiabas” e “Manifesto Antropófago”, refletindo sobre suas “posições” espelhadas: Macunaíma escrevendo “da cidade” para a “tribo selvagem” das Icamiabas, enquanto Oswald assina “do Matriarcado de Pindorama” para o mundo.

Palavras-chave: Antropofagia; Oswald de Andrade; Macunaíma; Mário de Andrade.



Dans cet essai, nous verrons comment les auteurs Mário de Andrade et Oswald de Andrade élaborent leurs points de vue et affirment leurs perspectives, en tant que transcréateurs de cosmogonies amérindiennes, dans la ligne directrice du perspectivisme et du multinaturalisme. Tous deux ont publié, par coïncidence la même année, en 1928, 6 ans après la semaine d'art moderne de 1922, des œuvres centrales de la littérature du XX^{ème} siècle : Macunaíma et le « Manifesto Antropófago ». Nous articulons les textes « Carta pras Icamiabas » et « Manifesto Antropófago », en réfléchissant à leurs « positions » en miroir : Macunaíma écrit « de la ville » pour un « tribu sauvage » des Icamiabas, tandis qu'Oswald signe « do Matriarcado de Pindorama » pour le monde.

Mots clés : anthropophagie ; avant-garde ; Oswald de Andrade ; Vladimir Voronoff ; corps.

Ativos durante e após a Semana de Arte Moderna de 1922, Mário e Oswald de Andrade publicaram, coincidentemente no mesmo ano de 1928, portanto 6 anos após a semana mais discutida da história cultural do Brasil, obras centrais da literatura do século XX: *Macunaíma* e o “Manifesto Antropófago”.

A personagem central da rapsódia de Mário, Macunaíma, “herói sem nenhum caráter”, escreve uma carta para as “primitivas” Icamiabas. A carta segue da “capital” onde Macunaíma encontrava-se, do centro urbano para a “tribo selvagem”, onde estão as Icamiabas.

Sabe-se que o nome *Icamiabas* (ou *iacamiabas*) tem origem Tupi (*i* + *kama* + *îaba*) significando “peito partido”,¹ e é a designação genérica dada às índias que formariam uma tribo de mulheres guerreiras, também chamadas de “Amazonas”, como na lenda grega. As Icamiabas formariam uma sociedade rigorosamente matriarcal, caracterizada por índias guerreiras, ou ainda, mulheres que ignoravam a lei.

Por sua vez, ao escrever seu “Manifesto Antropófago”, Oswald opta por demarcar que ele se encontra no “Matriarcado de Pindorama”² e que geograficamente não está escrevendo a partir de São Paulo, mas sim de Piratininga, nome indígena com o qual os ameríndios chamavam a região. Oswald completa ainda com a marcação temporal, alertando que não se encontrava em 1928, mas sim no ano 374 da deglutição do Bispo Sardinha.

Dando continuidade a um processo de releituras no qual procuro, com as ferramentas da literatura comparada, articular textos diversos em suas complementariedades e pluralidades – como é o caso do artigo “Antropofagia Distópica de um País em Crise” que publiquei na revista da USP *Sala Preta* (cf. Azevedo, 2019) – aqui neste ensaio veremos como os autores modernistas elaboram seus pontos de vista e afirmam suas perspectivas, enquanto transcriutores de cosmogonias, na pauta do perspectivismo ameríndio, “esse processo de pôr-se (ou achar-se posto) no lugar do outro” (Viveiros de Castro, 2007, p. 31).

No artigo citado acima, releio a peça teatral *O rei da vela*, procurando revelar sua dramaturgia distópica enquanto versão “em negativo” das utopias do “Manifesto Antropófago” de 1928. Expondo a concepção de

¹ Mário de Andrade escreveu também, sobre o tema, “Lenda das mulheres de peito chato” incluído na obra *Clã do jabuti*, publicada em 1927; o poema saiu depois em *Remate de males*, livro de 1930. Recentemente, o texto está na antologia *Mário de Andrade, Seleta Erótica*, organizada por Eliane Robert de Moraes (2022).

² Sobre o tema do matriarcado, recentemente publiquei o capítulo “Transmatriarcado de Pindorama” pela Companhia das Letras no livro *Modernismos 1922-2022*, organizado por Gênese Andrade e Jorge Schwartz (2022).

Oswald de Andrade sobre aquilo que chamou de “baixa antropofagia”, o ensaio diferencia a Antropofagia (em sentido ritual como economia simbólica da alteridade) do Canibalismo (em sentido de degradação e exploração capitalista) (Azevedo, 2019, p. 34).

Adentrando pelo caminho aberto por Antonio Candido, ao proclamar *Serafim Ponte Grande* “uma sorte de Macunaíma urbano” (Candido, 1977, p. 45), o presente ensaio pretende também articular os textos dos escritores Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Longe de querer comparar duas obras tão díspares, a intenção é centrar-se especialmente em alguns pontos dos textos “Carta pras Icamiabas” e “Manifesto Antropófago”, procurando confrontar os arquétipos inventados por seus autores: o Macunaíma de Mário e o Antropófago de Oswald.

Não por acaso, essas figuras centrais das obras de Mário e Oswald de Andrade acabaram por constituir-se, com o passar do tempo, em forças arquetípicas, matrizes conceituais de diversas expressões em outras linguagens artísticas como o cinema, o teatro e a música.

Essas figuras em “forma de gente” distanciam-se de seres reais, e não devem ser reduzidas a “tipos”, pois carregam muito do pensamento mito-poético dos ameríndios. O antropófago e o macunaíma poderiam ser vistos como “entidades” ou “arquétipos” pela complexidade de sua constituição.

Passados quase 100 anos da publicação dos dois textos, ambos de 1928, é impressionante perceber a dimensão que adquiriram no *corpus* da cultura brasileira, influenciando a poesia, a música, o teatro, o cinema, o jornalismo, entre outras diversas expressões, e sobretudo constatar que *Macunaíma* e o “Manifesto Antropófago” foram alçados a um novo patamar extraliterário e são invocados como representações mesmas do país, à revelia de seus autores.

Esse desdobramento seria sinal da atualidade das obras de Mário e Oswald? Seria, por parte do público e da crítica, sinal do desejo de “essencializar” o caráter nacional? Há nesse patamar de representação nacional uma necessidade de tentar capturar o que afinal seria o tão procurado “homem brasileiro”? De todo modo, assinalo que nem um autor, nem o outro, pretendeu estabelecer uma “essência” do caráter brasileiro, como veremos a seguir.

Abordando a dicotomia entre os novos meios tecnológicos e a materialidade do livro, José Miguel Wisnik toca a questão da atualidade da obra

literária e afirma que “não há o que temer: a atualidade de uma obra se mostra quando as condições que a geraram, as expectativas e apostas do autor, o chão concreto em que ela se formulou, se deslocam contra ela mas, ao mesmo tempo, a favor dela” (Wisnik, 2004, p. 108).

Sendo assim, “contra” ou “a favor” da literatura modernista, Macunaíma e o antropófago seguem seus próprios caminhos... Não há o que temer, e também, não há o que fazer. Eles são sinais emblemáticos das dinâmicas próprias da cultura e de suas permanentes transformações.

Também contra a vontade de Mário, “malgré moi” como ele diz, desde o princípio, suas obras foram associadas às de Oswald. Em carta a Alceu Amoroso Lima, em 19 de maio de 1928, Mário de Andrade assim se manifesta:

E vai também a *Antropofagia* que não sei como é que o Alcântara [Machado] não mandou para você. Sobre ela tínhamos muito que falar... Antes de mais nada: *não tenho nada com ela* mas já estou querendo bem ela por causa de ser feita por amigos. Só colaboro. Quanto ao Manifesto de Oswald...acho... nem posso falar que acho horrível porque não entendo bem [...].

Mas a respeito de manifestos do Osvaldo eu tenho uma infelicidade toda particular com eles. Saem sempre no momento em que fico *malgré moi* incorporado neles [...]. O Osvaldo vem da Europa, se paubrasilisa, e eu publicando só então o meu *Losango cáqui* porque antes os cobres faltavam, virei paubrasil pra todos os efeitos. Tanto assim que com certa amargura irônica botei aquele ‘possivelmente pau brasil’ que vem no prefacinho do livro. Quê que havia de fazer!... [...]

Agora vai se dar a mesma coisa. *Macunaíma* vai sair, escrito em dezembro de 1926, inteirinho em seis dias, correto e aumentado em janeiro de 1927, e vai parecer inteiramente antropófago... Lamento um bocado essas coincidências todas, palavra. Principalmente porque Macunaíma já é uma tentativa tão audaciosa e tão única (não pretendo voltar ao gênero absolutamente), os problemas dele são tão complexos apesar dele ser um puro divertimento (foi escrito em férias e como férias) que complicá-lo ainda com a tal de antropofagia me prejudica bem o livro. Paciência (Andrade, 1996, p. 497).

Mário refere-se à *Revista de Antropofagia* liderada por Oswald de Andrade, que publica já no primeiro número, “Anno I, número I” em maio de 1928, o anúncio: “estão no prelo *Laranja da China* de Antonio Alcantara Machado e *Macunaíma* de Mário de Andrade”. Este anúncio está, sintomaticamente, na página 2 da Revista, exatamente ao lado do “Manifesto Antropófago” de Oswald, publicado na página 3.

O número seguinte da *Revista* (junho de 1928), da “primeira dentição”, estampa na página 3, nada menos que a “Entrada de Macunaíma”, ou seja, o primeiro capítulo do livro de Mário de Andrade. Posso então questionar: como Mário queria não estar associado a Oswald e à Antropofagia, se ele é parte integrante da *Revista*, que é em si, um manifesto? Bem claro está que não se tratava de uma revista qualquer, mas de um carro-chefe de intenções, de uma carta de princípios para revisar tudo e chacoalhar as letras, a cultura, e a política nacional.

Se observarmos a estrutura editorial da revista em seu formato tabloide inicial (a segunda dentição ganharia outra especialização), vejo que a página 1 é a capa, a página 2 abriga “anúncios” numa espécie de “expediente”, e a página 3 é consagrada aos textos “formadores”, espécie de “editorial”, de “primeiro caderno” onde os articulistas principais escrevem a diretriz central da publicação. Pois sintomaticamente ali na página 3 encontramos o “Manifesto Antropófago” (nº 1) e *Macunaíma* (nº 2 da *Revista*).

Se Mário não quer “aderir” à Antropofagia, Oswald por sua vez adere totalmente ao *Macunaíma*. No número 5 (setembro de 1928), Oswald assina na *Revista* o artigo *Schema ao Tristão de Athayde* e diz:

Hans Staden salvou-se porque chorou. O club de Anthropophagia quer agregar todos os elementos sérios. Precisamos rever tudo – o idioma, o direito de propriedade, a família, a necessidade do divórcio – escrever como se fala, sinceridade maxima. (O *Macunaíma* é a maior obra nacional. Você precisa ler. *Macunaíma* em estado de ebulição).

Ainda na *Revista de Antropofagia*, Oswald incensa *Macunaíma* e associa o livro a seu movimento: “sahiram dois livros puramente antropofágicos. Mário escreveu a nossa Odisseia e creou duma tacapada o heroe cíclico e por cincoenta annos o idioma poetico nacional”.

É curioso o fato de Mário de Andrade declarar que não entende bem os manifestos, se ele é o poeta que escreveu “sou um Tupi tangendo um alaúde” e todo o *Macunaíma*. Talvez por isso Oswald, em tom de brincadeira-bronca, publica na *Revista de Antropofagia* nº 7, de novembro de 1928, na capa, em letras garrafais:

SAIBAM QUANTOS. Certifico a pedido verbal de pessoa interessada que o meu parente Mario de Andrade é o peor crítico do mundo mas o melhor poeta dos Estados Desunidos do Brasil. De que dou esperança. João Miramar (Andrade, 1938, s.p.).

Mais tarde, Oswald não vai se calar quanto à ambiguidade do então amigo Mário, e publica seu desabafo pelo jornal, em 1929:

A antropofagia é o programa, é a salvação, é o nervo do dente nacional. Do dente que há de comer o ocidente. Sem trocadilho. Termina com um protesto, contra a desorientação de Mário de Andrade (Andrade, 1929a, s.p.).

Para além das divergências pessoais, o fato é que as convergências entre os dois autores saltam aos olhos. Em primeiro lugar estão as próprias fontes, os autores lidos pelos modernistas e tornados matrizes inequívocas de Mário e Oswald. Os poetas praticam um processo de apropriação e transcrição de textos alheios, presente também nas vanguardas europeias. Neste sentido, a resposta de Mário à crítica de Raimundo Moraes é bem clara:

Copiei sim, meu querido defensor. O que me espanta e acho sublime de bondade, é os maldizentes se esquecerem de tudo quanto sabem, restringindo a minha cópia a Koch-Grünberg, quando copiei todos. E até o sr., na cena da Boiúna. Confesso que copiei os etnógrafos e os textos ameríndios, mas ainda, na carta pras icamiabas, pus frases inteiras de Rui Barbosa, de Mário Barreto, dos cronistas portugueses coloniais e devastei a tão preciosa quão solene língua dos colaboradores da Revista de Língua Portuguesa.³

³ Mário de Andrade responde a Raimundo Moraes, em carta aberta publicada por Mário de Andrade no *Diário Nacional*, a. 5, n. 1.262. São Paulo, em 20 de setembro de 1931, na p. 3.

No “Manifesto Antropófago” de Oswald aparecem as mesmas referências aos textos dos Cronistas, assim como textos transliterados de cantos ameríndios, e críticas à linguagem bacharelesca de Rui Barbosa e outros.

Além das citações aparentes no texto do “Manifesto”, existe a presença implícita do pensamento do filósofo Michel de Montaigne na criação de Oswald. O texto do pensador francês marcou o trabalho de Oswald de Andrade não apenas na referência aos índios Tupi, mas também na própria forma dos “ensaios” e na importância dada à violência verbal do diálogo entre o prisioneiro e a tribo, no momento do ritual antropofágico (cf. Azevedo, 2016).

Essa presença de Montaigne na estruturação do “Manifesto” de Oswald pode ser comparada ao papel de Koch-Grünberg na leitura transcritiva efetuada por Mário em *Macunaíma*. Telê Porto Ancona Lopez exemplifica bem o significado do que estou sugerindo:

Pelos esquemas junto ao lendário divulgado por Koch-Grünberg, observa-se que a espinha dorsal da narrativa parte realmente de lá. As marcas particulares, cifradas até, que abrem na marginalia de Mário de Andrade o percurso da criação literária, consolidam, em Vom Roraima Zum Orinoco,

uma primeira acepção desse autor/leitor, dizendo respeito à apropriação ou transcrição (Lopez, 1996, p. XXVI).

Ambos os textos, tanto o “Manifesto Antropófago” como o *Macunaíma*, estão repletos de apropriações de fontes, citações literárias, trechos de outras obras, referências a personagens históricas, etc. O procedimento dos autores é aparentemente o mesmo, mas a postura diante do material utilizado é totalmente diversa.

Enquanto a “Carta pras Icamiabas” de *Macunaíma* estampa “uma sucessão não digerida de frases, trechos de poesia, discursos verbor-rágicos, citações em língua estrangeira, denominações em latim, citações de autores e obras, desentranhados do aprendizado “de orelha”, o “Manifesto Antropófago” agencia suas fontes “bem digeridas” exatamente para atacar criticamente os protagonistas, ridicularizando a lábia de Padre Vieira, a retórica de Anchieta, a Revolução Francesa e sua pobre Declaração dos Direitos do Homem, as figuras de Napoleão, César, Moisés, contra Goethe, a mãe dos Gracchos, e a Corte de D. João VI.

Parece-me interessante também articular a ideia de diálogo, de texto direcionado a um interlocutor, como é o caso explícito da “Carta pras Icamiabas”, e implícito, no “Manifesto Antropófago”. Sobretudo, destaco que estou falando de dois formatos específicos no campo da literatura: a carta e o manifesto, que não se tratam de poemas, crônicas ou romances.

Temas similares aparecem no “Manifesto Antropófago” e no “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”. Funcionando como uma espécie de “negativo”, um “Outro”, a carta e os manifestos espelham-se, na maioria das vezes, em imagens antagônicas entre si. Como uma máscara tirada do molde de gesso vem a ser o “modelo” desta mesma moldura, o *Macunaíma* da “Carta...” aparenta ser a criatura “negativa” parida do “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” de Oswald: “o lado doutor, o lado citações, o lado autores conhecidos. Rui Barbosa: uma cartola na Senegâmbia. Falar difícil” (Andrade, 1924, s.p.).

“Pedante, pretensioso, citando os Clássicos, *Macunaíma* dá vazão a sua cultura semi-letrada, e acoberta com a linguagem livresca e as alusões eróticas o principal objetivo da Carta (conseguir dinheiro), crivando de subentendidos todo o discurso” (Fonseca, 1996, pp. 329-345).

O “Manifesto da Poesia Pau Brasil”, publicado em 1924, é atravessado pela preocupação constante com a deturpação falsamente “cultura” da língua e da cultura nacional. Entre os muitos trechos que reiteram esse mote, destaco:

O bacharel. Não podemos deixar de ser doutos. Doutores. País de dores anônimas, de doutores anônimos. O Império foi assim: Eruditamos tudo. Esquecemos o gavião de penacho.

Contra o gabinetismo, a prática culta da vida. A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos (Andrade, 1924, s. p.).

Com o referencial Pau-Brasil em mente, observo que o Macunaíma da “Carta pras Icamiabas” é o próprio “arrivista” da língua, querendo usurpar uma cultura letrada que não tem, e simultaneamente despreza aquela que poderia ter. Macunaíma “erudita tudo” na capital e “esquece o gavião de penacho” da mata-virgem. Não é, portanto, uma linguagem “natural” – é um simulacro de erudição e do bacharel. Assim, a “Carta pras Icamiabas” passa a ser um pastiche negativo da máxima de Oswald: “como falamos, como somos” do “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”.

Na verdade, Macunaíma, na “Carta”, admira a cisão entre o que somos e como falamos – dando um show de ignorância letrada e de humor escrachado:

Ora sabereis que a sua riqueza intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra [...]. Outrossim, hemos adquirido muitos livros bilíngues, chamados “burros”, e o dicionário Pequeno Larousse; e já estamos em condições de citarmos no original latino muitas frases célebres dos filósofos e os testículos da Bíblia (Andrade, 1976, p. 65).

Em seu estudo, Maria Augusta Fonseca ressalta que “a Carta é vazada num “latinório” expandido em muitas páginas. Tudo parece justificar sua postura pedante: o cultivo da língua escrita, a valorização dos padrões culturais da civilização” (Fonseca, 1996, p. 330).

Neste aspecto da polarização “cultura / erudição” vale lembrar aqui uma saborosa carta de Manuel Bandeira a Mário de Andrade em 6 de novembro de 1926, em que, dirimindo uma polêmica com Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira sintetiza: “no fundo a verdadeira cultura está com Oswald, o que pertence ao Ronald é a erudição” (Bandeira, 2001, p. 320).

O Macunaíma da “Carta” escolheu “o português ‘castiço’ para extravasar seu deslumbramento com a metrópole, o herói simplesmente vai macaqueando a língua portuguesa e a tradição cultural do Ocidente” (Fonseca, 1996, pp. 329-345).

No “Manifesto Antropófago” Oswald de Andrade tem alvo certo, não só ao criticar a “lábria” de Vieira e os “empréstimos” culturais, mas também

ao introduzir a questão, importantíssima também para *Macunaíma*, do vil metal, do dinheiro:

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o assucar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia (Andrade, 1928, s.p.).

Macunaíma dá, na “Carta pras Icamiabas”, sua excelente definição: “o vulgo chamará dinheiro – o ‘curriculum vitae’ da civilização”. E o herói sem nenhum caráter explica às Icamiabas: “as donas de cá não se derribam a pauladas, nem brincam por brincar, gratuitamente, senão que a chuvas do vil metal”⁴ (Andrade, 1928, pp. 114).

⁴ “vil metal” é uma maneira pejorativa de nominar o dinheiro.

Há, portanto, nos dois textos, em *Macunaíma* e no “Manifesto Antropófago”, uma diferença de perspectiva em relação ao feminino, à concepção do papel da mulher na sociedade. Na “Carta”, Macunaíma explicita a sua visão carnal e “comercial” da mulher, ao contrário do “Manifesto” de Oswald, em que o Matriarcado de Pindorama é tratado como território de liberdade. Maria Augusta Fonseca assevera:

A Carta é a condensação escrita de seus desejos carnis, pois a tudo o herói confere ambiguidade erótica. Nem mesmo as icamiabas escapam de suas propostas, o herói agindo como espécie de serpente bíblica, pede que aprendam coisas com as mulheres da cidade, ou que as levem para junto da tribo (Fonseca, 1996, pp. 329-345).

Como observei desde o início desse ensaio, a “Carta” de Macunaíma é endereçada da cidade grande para a tribo, e pretende ressaltar as “reliquias” da civilização e as vantagens da vida na Metrópole. Macunaíma – mesmo no seu texto falsamente respeitoso e bajulatório, humilha as Icamiabas enquanto selvagens analfabetas, na posição de mulheres que deveriam “aprender” com as Polacas, Francesas e Paulistas – ele é o interesseiro típico, “cafetão” e explorador colonizado.

Já o “Manifesto”, valoriza o conteúdo arcaico da sabedoria tribal, celebra o Matriarcado de Pindorama e os valores opostos ao Patriarcado vigente no mundo ocidental, criticando “a realidade social, vestida e opressora”. Apesar de escrito na “cidade”, Oswald assina seu texto “em Piratininga”, demarcando o território indígena a partir do qual ele quer criticar a “civilização” nada civilizada imposta pela colonização.

De certa forma, se pensarmos o formato do manifesto como uma espécie de “carta-aberta”, é como se o “Manifesto Antropófago” fosse uma “carta” da tribo para a cidade, devidamente “traduzida” pelo cidadão do mundo Oswald de Andrade. No “Manifesto”, o antropófago Oswald escreve portanto “em Piratininga”, nome com o qual os ameríndios chamavam o território que depois recebeu a denominação de cidade de São Paulo.

Ao contrário de Mário em *Macunaíma*, que faz questão de enviar sua “Carta pras Icamiabas”, da metrópole de São Paulo, “a maior do universo”. Neste detalhe topográfico, as “entidades” criadas pelos autores já afirmam seus pontos de vista, seus pontos de referência.

Senhoras: Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva. Cumpre-nos, entretanto, iniciar estas linhas de saudade e muito amor, com desagradável nova. É bem verdade que na boa cidade de São Paulo — a maior do universo no dizer de seus prolixos habitantes — não sois conhecidas por “icamiabas”, voz espúria, se não que pelo apelativo de Amazonas; e de vós se afirma, cavalgades beligeros ginetes e verdes da Hélade clássica (Andrade, 1928. pp 113-134.).

A carta de *Macunaíma* a todo momento mostra admiração e quer pretensamente aderir à Civilização, valorando suas conquistas culturais, sem postura crítica.

Em ação diametralmente oposta, o “Manifesto Antropófago” critica, revê e questiona a noção de “civilização” e “cultura” – contrapondo o “avanço” da sociedade ocidental, européia, “cultura”, aos “primitivos”, povos “bárbaros”, “selvagens” e “incultos”, mas plenos da sabedoria autóctone das tribos ameríndias.

Enquanto o Antropófago de Oswald não aceita para si o estigma do colonizado – ele é um guerreiro “forte e vingativo como o Jabuti” – já o *Macunaíma* de Mário de Andrade incorpora o desejo do colonizado, virando um duplo do colonizador europeu.

Oswald materializa a proposta de contracenar criticamente com “uma civilização que estamos comendo” na própria linguagem sintética e elíptica do “Manifesto”, efetuando sua síntese máxima no aforisma “Tupi, or nor tupi that is the question”. É no próprio discurso que o Antropófago potencializa suas intenções, deixando claro que conhece e dialoga – mas não se curva – a um expoente da cultura ocidental como William Shakespeare, nem precisa copiar padrões letrados para se expressar. O conceito mesmo do manifesto, suas proposições críticas e reflexões

filosóficas, são atomizados poeticamente no texto.

Oswald de Andrade aproxima a reflexão ontológica de Shakespeare do pensamento mito-poético dos Ameríndios, para quem não há somente um céu, tudo é e não é pedra, rio, gente, bicho; tudo “vira” animal e estrela, o morto é vivo, etc. O poeta capta esta outra percepção e concepção de mundo, coloca-a sinteticamente no seu Tupi, ou não tupi, e se deixa atravessar por um “outro” antropófago ao mesmo tempo ancestral e futuro.

Mário de Andrade também materializa no texto de *Macunaíma* suas reflexões e críticas ao comportamento colonizado, só que o faz através dos recursos da paródia. No caso, uma paródia que se apropria, entre outros, de textos clássicos e os recria em contracanto.

Portanto, reitero que este meu ensaio procura mostrar as oposições nos textos de Oswald e Mário enquanto procedimentos estilísticos, e não enquanto intenções profundas das obras, já que no caso de *Macunaíma* e dos manifestos oswaldianos, estas são complementares, consonantes e harmônicas, no melhor sentido musical.

Ao contrário dos que poderiam hoje pensar que *Macunaíma* é “símbolo” do Brasil ou que Oswald propõe o “retorno à taba selvagem”, estes dois poetas não pretendiam definir “o brasileiro”, “o índio”, “o caráter nacional”, mas sim lidar com a complexidade inerente da constituição de um povo de formação heterogênea.

Em carta a Manuel Bandeira, datada de 7 de novembro de 1927, Mário esclarece: “Assim, pondo os pontos nos ís: *Macunaíma* não é símbolo do brasileiro como *Piaimã* não é símbolo do italiano” (Andrade, 2001, p. 398).

Com Oswald de Andrade, que pregou a “transformação permanente do tabu em totem”, vejo que o *herói sem nenhum caráter* pode ser lido como um manifesto contra os “essencialismos”, contra a vocação ocidental que quer categorizar e aprisionar culturas em definições restritivas, como se fosse possível aprisionar e catalogar o que é “ser brasileiro”. Nesse sentido, *Macunaíma* é mais que um camaleão, é uma verdadeira “metamorfose ambulante”.⁵

⁵ Como diz a letra da canção “Metamorfose ambulante”, de Raul Seixas: “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante / Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo / Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes / Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante”.

E falando em metamorfoses possíveis e impossíveis, introduzo aqui a hipótese de que o “erudito” Machado Penumbra, gastando

o seu latim (“...elas ameaçam espedaçar nas suas mãos hercúleas o ouro argamassado pela idade parnasiana. VAE VICTIS!” (Andrade, 1990, p. 43)), personagem que assina o prefácio de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, publicado por Oswald em 1924, possa ter “baixado” num terreiro de candomblé em *Macunaíma*, escrito depois, em 1926, e publicado por Mário de Andrade em 1928.

A “Carta pras Icamiabas” selaria assim a conversa entre Miramar e Macunaíma, do mesmo modo que a figura do “Serafim Macunaíma urbano”, há, na minha visão, um “Macunaíma Machado Penumbra” escrevendo para as Icamiabas.

De qualquer forma, de lá pra cá e de cá pra lá, não há dúvida de que Oswald é muito Macunaíma. Nos anos 20, ficou famosa a história de que Oswald mentiu sobre Villa-Lobos, comentando que ele não conhecia harmonia nem contraponto. Ao ser questionado, Oswald disse que o comentário veio de Mário de Andrade, reconhecido como crítico de música. Quando Mário foi tirar satisfação, Oswald simplesmente respondeu: “Eu menti”. E os dois caíram na gargalhada... Villa-Lobos também era outro mentiroso contumaz... A resposta-blogue do poeta antropófago ao episódio de diz-que-diz em relação a Villa-Lobos não entender nada de contrapontos, foi evidentemente aproveitada por Mário em seu herói sem nenhum caráter, na frase-síntese: “eu menti!”.

Ressalto que tanto Macunaíma como o Antropófago – figuras icônicas de seus autores – são arcaicos e modernos, selvagens e tecnológicos, tribais e individualistas, amazônicos e cosmopolitas, tudo ao mesmo tempo.

As dicotomias e contradições completam-se num amálgama original, complexo e mutante. Amparados por pesquisas e fontes etnológicas, por estudos antropológicos e citações filosóficas, ainda assim as obras de Mário e Oswald não são tratados dogmáticos sobre a cultura nacional. Mário explica bem este ponto em carta a Carlos Drummond (20 de fevereiro de 1927): “Macunaíma não tem costumes índios, tem costumes inventados por mim” (Andrade, 1996, p. 491).

No caso de Oswald, a mesma liberdade de criação e capacidade de blague é que tomam conta do texto, gerando palimpsestos de manifestos, diversas camadas de intenções e momentos históricos sobrepostos, indo da América pré-colombiana ao país do futuro.

Em consonância com a declaração de Mário de Andrade sobre *Macunaíma*, por seu turno, Oswald de Andrade afirma na *Revista de Antropofagia*:

O homem natural que nós queremos pode tranquilamente ser branco, andar de casaca e de avião. Como também pode ser preto e até índio. Por isso o chamamos de “antropófago” e não tolamente de “tupi” ou “pareci” (Andrade, 1929b, s.p.).

Como vemos, as intenções criativas dos autores são transparentes, e dão cambalhotas no equívoco das acusações anacrônicas de “apropriação”, em tom de julgamento e posse, bem como na leitura de suas obras como pretensas construções de “identidade nacional”. Oswald e Mário estavam mais para xamãs poetas transcriadores do que para arautos do Estado-Nação.

E, afinal, toda criação, toda literatura, é invenção e diálogo, é “apropriação”, transcrição e tradução de mitos, culturas, conceitos, narrativas, perspectivas, entidades, “outros”. A literatura, a história, e a vida de todos nós, incluindo a própria natureza, transmuta-se e constitui-se através de palimpsestos, neste rico e complexo emaranhado de citações, releituras, composições, referências e incorporações mútuas. Devorando séculos e conceitos, os poetas sabem que antes de tudo trata-se de criação, fantasia – contrapontos, brincadeira, mentira – invenção poética: tupi or not tupi tangendo um alaúde.

Bibliografia

- Andrade, M. de. (1928). *Macunaíma*. Livraria Martins Editora, 1976.
- (1996). *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. Ed. crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Paris/São Paulo: UNESCO/Edusp.
- (2001). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Org. Marcos Antonio de Moraes. 2. ed. São Paulo: Edusp; IEB/Unesp.
- Andrade, O. de. (1929a). “As letras paulistanas em 1928: uma opinião de Oswald de Andrade”. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 27 janeiro 1929.
- (1978). *Do Pau Brasil à Antropofagia e às Utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- (1924). “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”. *Correio da Manhã*, 18 de março de 1924.
- (1928). “Manifesto Antropófago”. *Revista de Antropofagia*, São Paulo, ano I, nº 1, maio 1928.
- (1990). *Memórias Sentimentais de João Miramar*. São Paulo, Ed. Globo, 14ª edição, 1990.
- (1929b). “Uma adesão que não queremos”. *Revista de Antropofagia*. São Paulo, 12 de junho de 1929.
- Azevedo, B. (2016). *Antropofagia palimpsesto selvagem*. São Paulo: Cosac Naify.
- (2019). “Antropofagia distópica de um país em crise”. *Sala Preta*, São Paulo: eca-usp, v. 19, n. 1, pp. 33-49.
- (2021). “Antropófago manifesto”. In: Bachmann, P.; Carrillo-Morell, D.; Masseno, A.; Oliveira, E. de. (orgs.). *Antropofagias: Um livro manifesto! Práticas da devoração a partir de Oswald de Andrade*. Berlim: Peter Lang, pp. 37-56.
- (2022). “Transmatriarcado de Pindorama”, in *Modernismos 1922-2022*, org. Gênese Andrade e Jorge Schwartz. São Paulo: Companhia das Letras.
- Azevedo, B. e Francis, L. (2021). “Será esse o futuro do século xxi?”. *Revista Das Questões*, Brasília: UnB, v. 11, n. 1.
- Bandeira, M. (2001). In: Andrade, M. e Bandeira, M. *Correspondência*. Org. Marcos Antonio de Moraes. São Paulo, IEB/Edusp, 2ª edição, p. 320.
- Campos, A. de. (1976). “Revistas re-vistas: Os antropófagos”. *Revista de Antropofagia*. Ed. fac-similar. São Paulo: Abril Cultural; Metal Leve.
- Campos, H. de. (2004). “Da razão antropofágica: Diálogo e diferença na cultura brasileira”. In: *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Perspectiva, pp. 231-55.
- Candido, A. (1995). “Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade”. In: *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, pp. 67-103.
- (1977). “Estouro e libertação”. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades.
- (1995). “Oswald viajante”. In: *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, pp. 61-6.
- Fonseca, M. A. (1996). “A Carta pras Icamíabas”. In: Andrade, M. de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. Ed. crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Paris/São Paulo: UNESCO/Edusp, 2ª edição, pp. 329-345.
- (2007). *Oswald de Andrade: Biografia*. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Globo.
- (2008). *Por que ler Oswald de Andrade*. São Paulo: Globo.
- Lopez, T. P. A. (org). (1996). *Macunaíma*. Edição crítica. Paris/São Paulo: UNESCO/Edusp, 2ª edição, p. 497.
- Moraes, E. R. de. (2022). *Mário de Andrade: Seleta erótica*. São Paulo: Ubu.
- Nunes, B. (2011). “Antropofagia ao alcance de todos”. In: Andrade, O. de. *A Utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, pp. 7-56.
- *Oswald canibal*. (1979). São Paulo: Perspectiva.
- Sztutman, R. e Viveiros de Castro, E. (2007). *Encontros (entrevista)*. Rio de Janeiro: Azougue.
- Viveiros de Castro, E. (2002). “O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem”. In: *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify.
- “O nativo relativo”. *Mana*, v.8, n.1, Rio de Janeiro, abr. 2002.
- Wisnik, J. M. (2004). “Cultura pela culatra”. In: *Sem receita*. São Paulo: Publifolha, pp. 107-120.